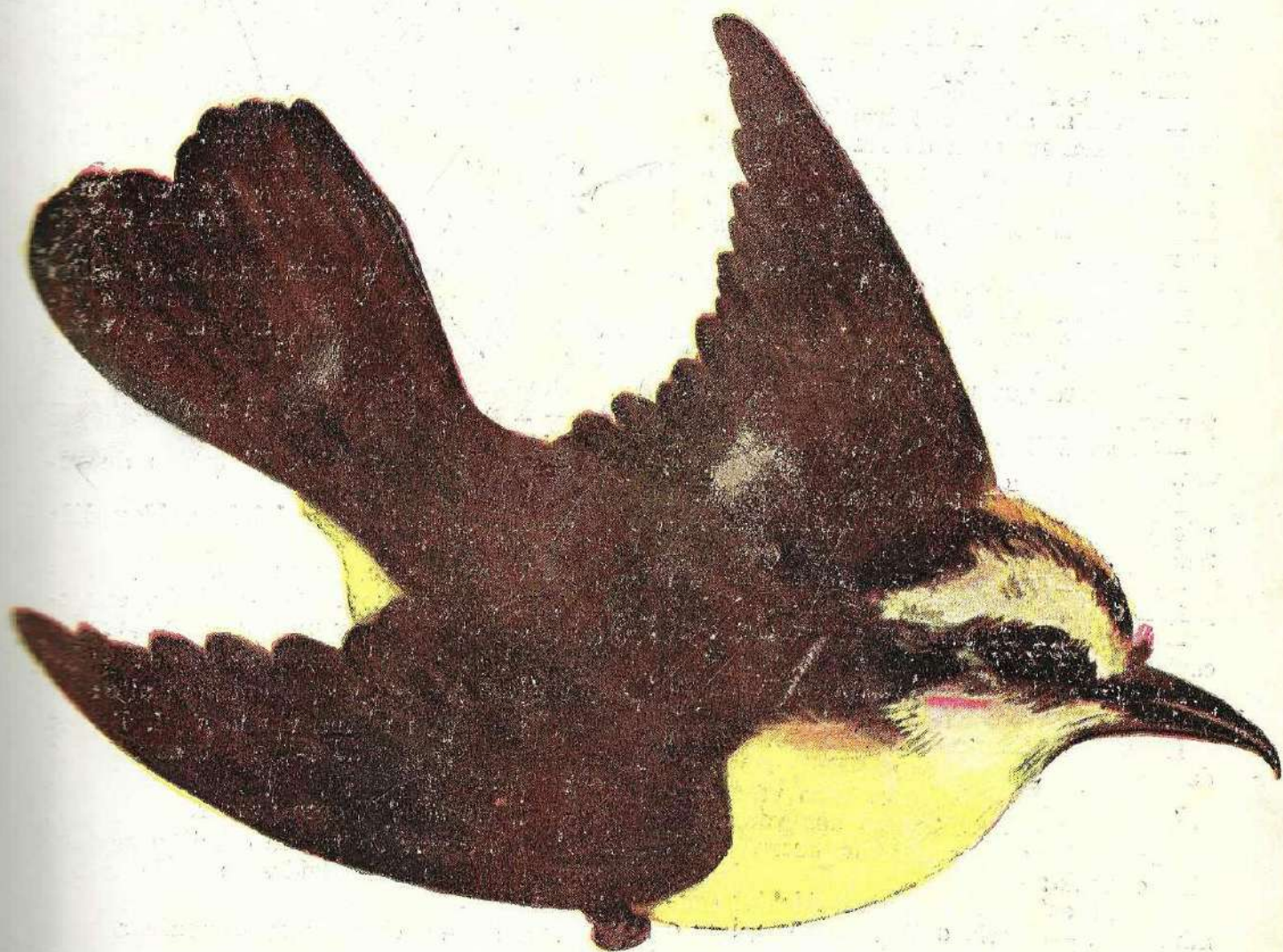


Bem-Te-Vi

ANO XVIII

NUM. 7



JULHO DE 1940

O PRESENTE QUE CRESCEU



Alcides, sentado numa cadeira, perto da janela, olhava tristemente para a rua. Lá fora tudo era alegre; o dia estava lindo e as crianças corriam satisfeitas. Como Alcides desejava poder andar de bicicleta! Mas, coitado, em virtude de um tombo, estava agora com a perna quebrada, sem poder sequer mexer com ela. Seu rosto era de profunda tristeza.

Dalí a pouco ouviu bater na porta.

— Entre, gritou êle.

A porta se abriu e entrou uma menina que morava na casa de frente e a quem Alcides chamava de menina do gatinho por ela possuir um. Ainda não sabia seu nome, pois fazia pouco tempo que para ali se mudara.

— Trouxe-lhe um presente. Adivinhe o que é, foi logo dizendo.

Alcides, olhando para o embrulho em suas mãos, disse:

— Tomara que não seja livro, já tenho tantos...

— Não é livro, não. Adivinhe outra vez.

Espero que não seja algum jogo, pois não há graça nenhuma em se brincar sozinho.

— Ah! Disto você vai gostar. É um jardim! disse a menina, contente.

— Jardim? De pau ou de cartão, com certeza?

— Não senhor, um jardim de verdade! Veja!

E desembalhou-o. Era uma caixa cheia de terra.

— Aquí está o terreno. Tem uma cerquinha em volta por causa das vacas.

Depois tirou do embrulho outra caixinha, dizendo:

— Aquí estão as sementes. Alcides examinou-as: — havia seis grãos de milho e seis de feijão.

— Sementes de verdade! exclamou. Seus olhos começaram a brilhar.

A menina tirou ainda outro embrulho.

— Estas são as ferramentas para você poder cuidar do jardim.

Havia um regadorzinho, um rastelo e uma enxadinha, tudo bem pequetito.

— Pronto. Agora vou-me embora e desejo que seja muito feliz com sua plantação.

Alcides plantou as sementes com entusiasmo e mamãe trazia-lhe água para regar a terra.

— Isto é bem divertido, disse Alcides pondo a caixa sobre a janela. Não vejo a hora de começarem a brotar!

Poucos dias depois chamou a mãe:

— Mamãe, venha ver! Venha, mamãe!

A mãe veio e juntos admiraram os pontinhos verdes que vinham empurrando a terra. Foram aparecendo umas folhas compridas enroladinhas; eram os feijões.

— Mamãe, queria que a menina da frente viesse também ver.

A amiguinha não demorou.

— Vai em progresso, observou. Estou contente com seu trabalho.

— A sorte é que havia a cêrca, senão as vacas... (E os dois deram uma gargalhada).

O jardim cresceu rapidamente. O milho era alto, o feijão baixo. Todos os dias Alcides arranjava algum servicinho para fazer em seu jardim.

Um dia êle disse:

— Mamãe, esta caixa já não comporta minha plantação.

— Eu também acho. É tempo de removê-la para o quintal.

— Que pena! Quem há-de cuidar dêle lá fora?

— Você mesmo, meu filho.

Alcides reanimou. Encorajado, conseguiu erguer-se e dar uns passos pela sala.

— Veja, mamãe, estou andando!

Foi até à porta e chamou bem alto:

— Menina, menina, venha aqui. Temos novidade! Quer ajudar-nos a transplantar o jardim?

— Como não? E com prazer.

Com o andar do tempo o milho se tornou mais alto que Alcides; o feijão subiu pelo milho.

Um dia êle chamou novamente a menina.

— Vamos fazer a colheita!

E, radiantes de alegria, apanharam 4 espigas de milho e 28 vagens; mamãe cozinhou o milho, fez uma gostosa salada de vagens e para completar a festa matou um frango e fez bolo de chocolate e ainda sorvete!

— Como é delicioso comer do que se plantou, não, Alcides?

— Abençoada a sua lembrança de me dar aquele presente, disse êle. Mais uma vez, "muito agradecido".

Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 7

Gerente responsável: —
Fernando Buonaduce

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Officinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10\$000
Número avulso . 1\$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor:
Afonso Romano Filho

• São Paulo, Julho de 1940 •

Redatora:
Antonieta Gonçalves Gilioli

A Árvore das Lágrimas

O passeio estava há muito marcado para o primeiro feriado. E êle afinal chegou; foi no dia 1.º de maio.

Ficou combinado o encontro em casa de Luiz. Os outros priminhos, três meninos e duas meninas, iriam com os pais até lá, fazer o bloco, para juntos tomarem o bonde "Fábrica", na praça da Sé, que os levaria até o fim da linha. Continuariam depois a pé rumo à "Árvore das Lágrimas" que desejavam visitar.

O passeio foi agradabilíssimo. A vovó também lhes fez companhia. A criança falava e ria, curiosa por ver a árvore que lhes afigurava sobrenatural.

Depois de meia hora de bonde mais ou menos, desceram todos. O pai de Luiz comprou-lhes de uns vendedores ambulantes que ali encontrou, uma porção de batata assada e amendoim torrado.

— Zé Carlos, disse Luiz, você acredita que essa árvore chora?

— Isso é que não sei. Pergunte ao Nilo. Antes, porém, de Nilo responder, Dulce explicou:

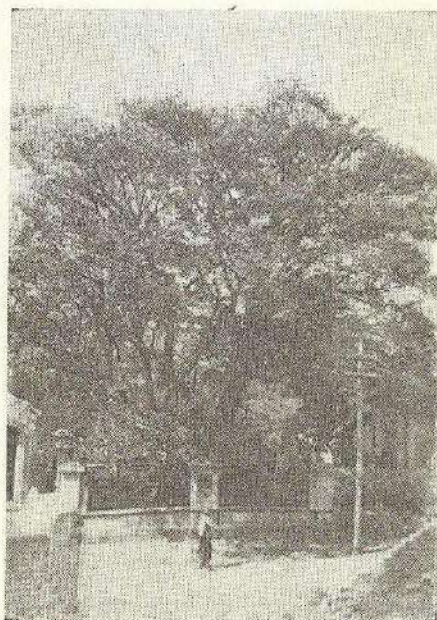
— Se ainda chora não sei, mas já chorou.

— Oh! E' impossível!

— Qual! Você não sabe nada. Papai é que sabe, disse Renato.

— Pois então vamos perguntar a êle.

— Papai, a árvore que vamos visitar, chora de verdade?



Papai, vovó e os tios riram muito ao ver a imaginação das crianças.

E veio a explicação que tanto esperavam, oportuna e para todos proveitosa.

— Há muito tempo, há mais de 70 anos, o Brasil se viu obrigado a pegar em armas contra o Paraguai.

Francisco Solano Lopes, ditador do Paraguai, prendeu gente nossa e navios nossos que subiam o rio Paraguai. Não satisfeito, invadiu Mato Grosso e Rio Grande. Embora o Brasil seja uma nação pacífica, precisou reagir. Boa parte das tropas era formada por patriotas paulistas que desciam para Santos, justamente por esta estrada que nós agora seguimos, devendo no porto embarcar para o sul. Naquele tempo esta era a única estrada que levava a Santos.

E num descampado, no vale da colina do Ipiranga, erguia-se uma árvore magestosa, cujos galhos transpunham a largura da estrada.

Acompanhando os batalhões que se dirigiam ao sul, iam os pais, irmãos, parentes e amigos dos soldados. Chegando a essa árvore, paravam para renovar as despedidas e o pranto se renovava também tanto nos que ficavam como nos que partiam. E a árvore, silenciosa, estendendo seus galhos amigos como que a consolá-los, servia de testemunha às cenas comovedoras que ali se repetiam.

Outras despedidas a árvore presenciou, mas não tão dolorosas. Eram os acadêmicos que iam para a guerra.



micos que também ali renovavam os seus abraços de despedida aos colegas que, tendo terminado o curso, voltavam aos seus lares e trabalhos. Era o último adeus.

E foi por isso que essa árvore, testemunha de lágrimas sinceras, se tornou histórica e recebeu o nome de "Árvore das Lágrimas".

As crianças pareceram gostar da explicação, pois já tinham estudado no grupo a Guerra com o Paraguay.

Andando mais um quarteirão, avistaram a árvore, agora já muito mais velha, um tanto desgalhada, menos imponente, mas sempre a mesma. Está cercada por

um gradil de ferro, tendo num dos pilares uma lápide onde se lê:

SOU A ÁRVORE DAS LÁGRIMAS E DAS SAUDADES.

SOB MINHA SOMBRA, CORAÇÕES SEM NÚMERO SEPARARAM-SE AFLITOS.

ÁGUAS ACADÊMICAS, PORTADORAS DE SABER, CONFIANTES VOARAM PARA A VIDA.

REPRESENTO PASSADO GLORIOSO. RECORDO SUAVES TRADIÇÕES DA BRUMOSA PAULICÉA.

VI E ADMIREI, VEJO E ADMIRO. HEI DE VER E ADMIRAR A VERTIGINOSA MARCHA TRIUNFAL DO PROGRESSO PAULISTANO.

VIANDANTE QUE ME CONTEMPLAS!

DESCOBRE-TE!

Depois de examiná-la e contemplá-la, sentaram-se todos num barranco que há quasi em frente a árvore, pois estavam bem cansados. Tomaram a merenda e beberam bastante água duma fonte que ali existe. Descansaram mais ou pouco, tiraram alguns retratos e retomaram o caminho para casa, satisfeitíssimos com o passeio dado.

As crianças não viam a hora de, no dia seguinte, contar à sua professora, tudo o que aprenderam sobre a "Árvore das Lágrimas e perguntar se ela também já a conhecia.



Oração às Árvores

"Tu que passas e levantas contra mim teu braço, antes de fazer-me mal, olha-me bem.

"Eu sou o calor de teu lar nas noites frias de inverno. Eu sou a viga que suporta o tecto de tua casa, a táboa de tua mesa, a cama em que descansas. Sou o cabo de tuas ferramentas, a porta de tua casa. Quando nasces, tenho madeira para teu berço; quando morres, em forma de ataúde, ainda te acompanho ao seio da terra. Sou pão de bondade e flor de beleza. Se me amas como mereço, defende-me contra os insensatos".

Esta oração às árvores encontra-se em Portugal, no Conselho de Argenil, em placas de esmalte erguidas nas árvores mais viçosas dos parques e alamedas.

QUE FARIAS TU?

Um pique-nique quasi desmanchado

E quanto depender de vós, tende paz com todos os homens.

— Que vergonha, Celso, você não ter sido convidado para o pique-nique, disse Gláucia, menina de 10 anos, a seu irmão quartanista do grupo.

— Que me importa? Não pense que vou chorar por isso, eu não sou você.

— Aposto que você bem está importando, respondeu ela, desconfiada.

Embora fôsse 2 anos mais moça, dava ocasiões em que parecia ser mais ajuizada.

Assim falavam na varanda, quando chega a mãe, d. Ornela, e senta-se na cadeira de vime, para descansar um pouco do forno, pois estivera fazendo biscoitos e sequilhos.

— Que conversa é essa de vocês dois, perguntou.

— Sabe, mamãe, Otacílio convidou todos os seus colegas, menos o Celso, para um pique-nique amanhã, lá no Garcia, em homenagem ao primo Rui, chegado há pouco da Europa.

— Por que será? Ontem mesmo ele esteve aqui! Vocês tiveram alguma questão, Celso?

— Não, mamãe. Só se for porque ele quis guiar o Tordilho, sozinho, ontem na estrada e eu não deixei.

— E' tudo por causa do Tordilho. Desde que d. Gina no-lo enviou de presente, o Otacílio anda invejoso. Não sei porque o pai não lhe compra um.

— Ele não saberia cuidar do animal, atalhou Celso prontamente.

— Não posso mesmo compreender essa atitude de Otacílio. Mas, meu filho, talvez não houvesse lugar para você e ele tenha deixado para convidá-lo em outra ocasião.

— Ele disse que precisa hospedar o primo, que é riquíssimo, muito bem e para começar daria um pique-nique.

— Com licença, posso entrar? disse de fora uma voz alegre e querida.

Era d. Gina. Todos correram a cumprimentá-la.

D. Gina era uma senhora tão boa, que logo nos primeiros dias em que se mudou para aquela casa, fez amizade com a família Camargo e mais parecia ser membro dela que uma simples vizinha amiga. Tomava parte na tristeza e na alegria; estimava-os e era estimada sinceramente. As crianças Camargo, Celso, Gláucia e Iri-

neu, faziam-lhe servicinhos com muita alegria e ela os recompensava sempre. O último presente foi o Tordilho, enviado por ocasião de sua viagem para o norte onde iria passar uma temporada com a sua irmã doente.

A criançada toda daquela cidadezinha invejava o cavallinho.

— Aconteceu alguma coisa? perguntou d. Gina. Parece que estão todos muito alvoroçados.

— E' o Otacílio que organizou um pique-nique e não convidou o Celso.

— Ora, eu nunca simpatizei com ele, por isso mesmo não lhe vendi o Tordilho como era seu desejo.

— Mas ele é bom menino, tornou Celso, espreguiçando-se. Mamãe, falta muito para o café? Estou com fome.

A manhã seguinte foi pesada e custou muito a passar. Celso não parou, lavou o carro, raspou o cavalo, trabalhou assobiando e cantando, mas qual, o tempo não passava. Gláucia que no alpendre costurava vestidinhos de boneca, ouvia o irmão assobiar, mas ele não a enganava com seu assobio forçado. Ah! Ela bem sabia o quanto o coração lhe apertava. Uns dois colegas seus passaram por ali, indo certamente à casa de Otacílio que morava poucos quarteirões abaixo. A partida seria à uma hora. O som de suas risadas e conversas chegava por vezes aos ouvidos de Gláucia. "Pobre Celso", pensava, "para todos, menos para ele, esta manhã foi de grande movimento e aprontação."





Diversas vezes Celso entrou em casa para ver as horas. Numa delas a mãe lhe disse que depois do almoço gostaria que ele fôsse à fazenda a pouca distância, comprar manteiga. Com isso ficou contente, pois, o passeio à fazenda era muito agradável. Foi o que lhe deu coragem para suportar ver passar o carro de Otacílio por sua casa, cheio de meninos que tagarelavam.

À 1,30 da tarde partiu com o Tordilho para a fazenda. D. Gina, de sua casa, disse-lhe adeus ao qual respondeu com sorriso. Celso esforçava-se para não pensar no carro de Otacílio que já devia estar longe e no quanto iriam divertir-se. O dia estava agradabilíssimo. Pouco adiante, porém, sua atenção foi despertada por vozes e exclamações que vinham duma curva da estrada. Sentou-se alerta. Havia no vozerio qualquer coisa de familiar, mas nada distinguiu. Apressou o cavalo, mas ao alcançar a curva, seu rosto afogueou e seu primeiro impulso foi voltar. Ouvindo no entanto o chamado "**Tordilho, Tordilho, Celso venha aqui**", viu-se na obrigação de ir.

Diante dêle estava o auto de Otacílio, puxado ao lado e como que encrencado. Quatro ou cinco meninos foram ao seu encontro. Ao lado do carro, examinando-o, estava o pai de Otacílio. Ao vê-lo aproximar-se exclamou admirado:

— Helô, Celso, não estava no carro com os meninos?

— Não senhor. Acabo de chegar.

— E' engraçado. Mas, como foi que você não veio com o grupo?

— Não fui convidado, respondeu êle sem reboços.

O homem voltou-se imediatamente, procurando enxergar o filho.

— Bem, hoje não podemos ir. Não há remédio. A dificuldade está no maquinismo, o que levará o resto do dia para consertar.

— Será, papai? murmurou Otacílio.

— Será, respondeu o pai com um olhar bem significativo. Agora, meu filho, o melhor é você voltar à cidade e avisar o posto. Aqui não há telefônio. Não estamos longe da cidade e vocês todos podem voltar a pé e amanhã faremos o passeio.

— Posso ir no seu carro? gritaram diversos meninos; houve um ligeiro movimento em direção ao seu carro.

Entretanto Celso notou um rapaz alto, um tanto separado do grupo e cujos olhos não despregavam do Tordilho. Havia em seu semblante uma expressão tão doce que cativou Celso.

— Ainda não foram apresentados? perguntou o pai de Otacílio. Venha Rui, êste é o Celso e o seu Tordilho, nosso único cavalo.

O rapaz alto sorriu francamente e adiantou-se para cumprimentar o recém-chegado.

— Posso levá-lo de volta à cidade se quiser um passeio com o pony.

— Que sorte! gritou a meninada em cântico, enquanto Rui pulava no carro.

— Vocês vão depois, disse Celso, logo que Tordilho se pôs a andar.

— Iremos à sua casa, gritaram alguns.

— Está bem.

— Como é bom, observou Rui, andados uns 200 metros. Nunca imaginei que fôsse tão agradável assim!

— E' a primeira vez que anda em carro puxado a cavalo?

— Sim, pois, só tenho andado de auto.

— Quer guiar um pouco? perguntou Celso?

— Se quero! Deve ser ótimo!

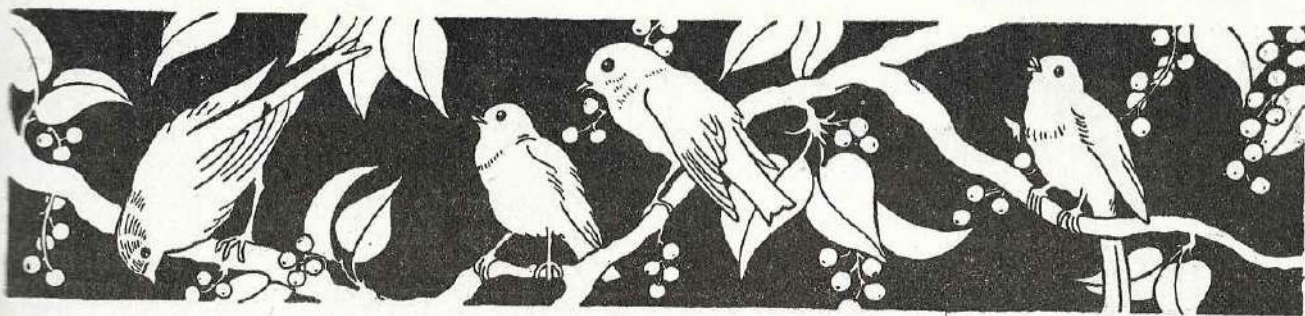
Celso passou-lhe as rédeas e por um pouco andaram num silêncio feliz. Não demorou e os dois conversavam como velhos amigos. Celso se esqueceu que era êle o primo rico de Otacílio. Sabia apenas que o estimava e gostava de suas maneiras de falar e de guiar o Tordilho.

Chegando ao portão de sua casa, apearam e entraram. D. Gina, um tanto surpreendida, recebeu-os de modo acolhedor, Gláucia veio correndo saber porque o irmão havia voltado. Depois de serem apresentados, narraram o infeliz acontecimento.

Pouco depois apareceram os meninos todos menos Otacílio. Chegaram causados da caminhada, mas alegres e dispostos a aproveitar a tarde.

— Onde está o Otacílio? perguntou d. Ornela.

— Foi ao posto com o pai levar o auto, respondeu um menino.



A casa e o quintal se encheram de vozes, risos e vida. Mas o centro de atração era o Tordilho. Rui não o deixava um instante. Resolveram então que cada menino podia dar uma volta ao quarteirão, guiando o *pony*, indo sempre o Rui como passageiro. Que festa!

— Nunca me diverti tanto, exclamou Rui, numa das vezes em que acabavam de dar a volta. E' esplêndido!

— Eu também estou divertindo-me bastante com vocês todos aqui, respondeu Celso.

Às 4 horas apareceu d. Gina em casa de Celso. Vinha alegre e ligeira. Cumprimentou a meninada e cochichou alguma coisa com a mãe de Celso; depois sumiram as duas, acompanhadas de Gláucia. Às 5 hrs. veio a surpresa. Voltaram e d. Gina, chamando-os, disse:

— "E' a primeira vez que Tordilho se torna personagem principal numa reunião. Decidimos, então, eu e a mãe de Celso, a dar um lanche a todos vocês, lá no pomar. Será que podem ficar? Teremos assim um pique-nique."

Todos, a uma, responderam:

— "Podemos sim, podemos. Ótimo!"

Imediatamente Celso disse:

— Mamãe, então vou buscar o Otacílio.

— E' justamente o que eu esperava ouvir, meu filho, respondeu ela com orgulho e satisfação.

Celso saiu correndo pela rua. Subiu a escada de mármore e tocou a campainha. Ninguém atendeu. Então chamou: "Otacílio, Otacílio!"

— Que você quer? respondeu êle com voz triste, chegando à porta.

— Vim buscá-lo para merendar conosco. Mamãe e d. Gina aprontaram tudo. Todos estão lá.

— Ah! Não. Eu não posso ir.

— Por que?

— Papai disse que não posso sair hoje.

— Vou então falar com êle, tornou Celso, entrando na sala.

O pai olhou demoradamente para os dois e então disse:

— Otacílio, você quer ir à reunião deles?

— Eu... eu queria, respondeu êle um tanto desapontado.

— Bem, diga-lhe, então, o que eu lhe falei.

— Papai falou que nos levará ao pique-nique só se você também for.

— Oh! Isso não! O auto já está superlotado. Eu irei em outra ocasião.

— Ora, Celso, sem você papai não levará ninguém. Vamos?

— Bem, então você vai comigo agora?

— Posso ir, papai?

— Bom, essa combinação serve. Pode ir.

A tarde não podia ter sido mais alegre. Todos estavam satisfeitiísimos. Comearam, brincaram bastante e afinal chegou a hora de se despedirem.

Rui lembrou então:

— Vamos primeiro dar comida ao Tordilho e soltá-lo.

Depois, dirigindo-se à mãe de Celso:

— D. Ornela, passei aqui horas agradáveis das quais guardarei saudosas lembranças. Poderei voltar ainda amanhã?

— Como não....

— Não, interrompeu Otacílio, amanhã será o nosso pique-nique!

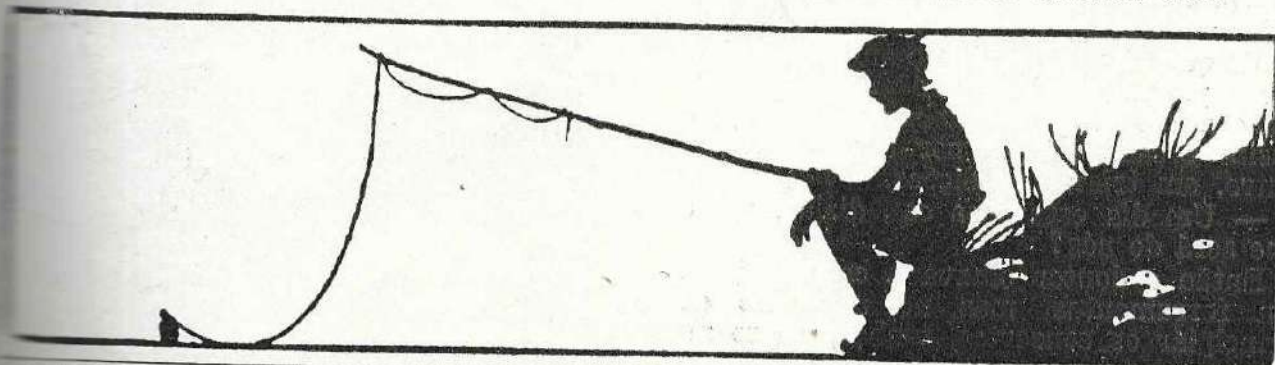
— Você vai, Celso? perguntou Rui, dirigindo-se ao companheiro.

— Vou sim, respondeu a sorrir.

— Viva o pique-nique de amanhã, gritou um.

— Viva o pique-nique de hoje! continuou outro.

— Viva o Tordilho! concluiu Rui.



A colcha maravilhosa



Era uma vez, numa cidadezinha marítima, um médico chamado dr. Neto. Todos, porém, o chamavam apenas de doutor.

O dr. Neto era baixotinho e roliço de gordo; quando ria, seus olhos quase que desapareciam. Tinha barbas compridas, bem pretas que se mexiam muito quando falava depressa. Era uma figura realmente engraçada.

O dr. Neto morava numa casa que estava caindo aos pedaços.

Há muito que a campainha não funcionava; isso foi desde quando Súsie caiu da árvore, quebrando um braço, que sua mãe correu com ela à casa do doutor e tocou a campainha com tanta força que arreventou o fio.

A pintura da porta da rua estava toda estragada desde o dia em que Roberto caiu do cavalo e ficou machucado no pasto sem poder se levantar; seu cachorro, então, correu à casa do doutor e, na fúria de chamá-lo para acudir o menino, arranhou toda a porta, deixando-a muito feia.

A vidraça da janela da frente estava completamente quebrada desde a noite em que o nenézinho da família Borba enguliu um alfinete. Fazia apenas uns minutos que o doutor se havia deitado (depois de quatro noites passadas em claro com seus doentes) e Ana, a empregada, que estava com dor de dentes, tinha uma flanela vermelha amarrada no rosto, de modo que ninguém ouvia o snr. Borba bater à porta. No desespero de ser atendido, o snr. Borba até quebrou a vidraça e assim a casa estava, por um motivo ou outro, em tristes condições.

— Um dia esta casa cai, dizia Ana, e que será de nós?

Então o doutor olhava a casa, pegava em ferramentas, mas no momento de principiar os consertos, vinha sempre al-

gum chamado urgente. E sua casa ia ficando para depois.

Uma noite o doutor Neto foi chamado para ver d. Antônia que estava com angina. Ele foi imediatamente e enquanto contava as gotas de remédio para a doente, um micróbio pulou nele e se alojou em sua garganta. “Agora, sim, pensou o micróbio, vou aproveitar”.

No dia seguinte o doutor Neto amanheceu tão doente, que nem pôde tirar o pé da cama. Ana estava desorientada; ora corria à procura de bolsa d’água quente, ora trazia bolsa de gelo; ora trazia flanela para lhe embrulhar os pés, ora limonada quente — mas tudo em vão. O doutor Neto que a tantos curara, achava-se de cama, piorando cada vez mais.

Então Ana pôs um cartaz na porta da rua, onde se lia:

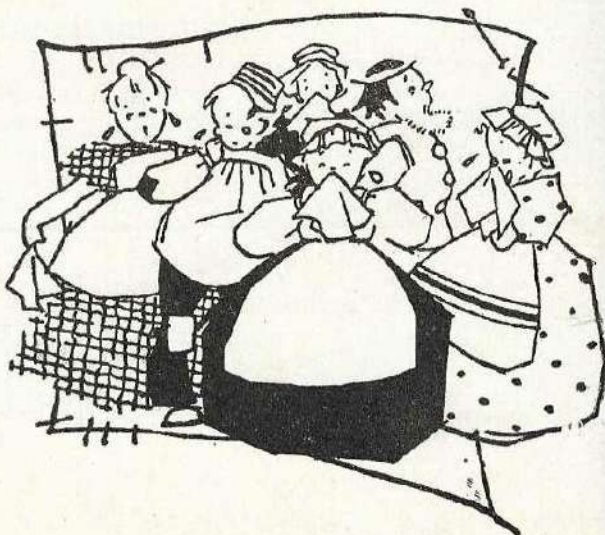
O DR. NETO ESTA’ DOENTE

As pessoas que por ali passavam, ao ler o cartaz, faziam uma cara muito comprida de dó dêle. À medida que êle piorava, mais compridas ficavam suas caras. Afinal comentavam uns aos outros: “Será que êle sara?” Ah! haviam de chorar muito se tal acontecesse. Dalí a pouco, todos na cidade estavam chorando. E choraram tanto que as lojas já não tinham mais lenços para lhes vender.

As coisas não estavam em bom pé.

Finalmente o prefeito procurou resolver o caso. Chamou uma reunião de todos da cidade.

“Este não é o modo de se agir”, disse o prefeito, assoando o nariz. “Quanto e quanto mais doente êle ficar, mais haveis vós de chorar. Urge fazer alguma coisa.”



do Dr. Neto

Todos menearam a cabeça em sinal de apóio, mas ninguém tinha idéia do que se devia fazer.

O prefeito já estava ficando nervoso, porque ele próprio não podia parar de chorar.

“Qual é a utilidade de se ter uma cidade, uma vez que ninguém tem idéias?” gritava êle.

Ao ouvir isso, todos choraram ainda mais.

Finalmente, o snr. Sorriso Coceguento, que sempre tinha idéias não aceitas, se apresentou:

“Eu tenho um plano e hoje mesmo irei pô-lo em ação”.

Então todos voltaram para suas casas na expectativa de que a idéia luminosa do snr. Sorriso Coceguento surtisse efeito.

Ora, a mãe do snr. Coceguento fazia lindas colchas de retalhos e êle lhe pediu fazer uma para o dr. Neto.

Então, naquele mesmo dia, a mãe do snr. Coceguento cortou 403 quadrados de tricoline e deu-os ao filho, pois 403 eram os habitantes daquela cidadezinha.

O snr. Sorriso Coceguento pôs o chapéu na cabeça e foi de casa em casa (menos na casa do doutor, naturalmente) entregando um pedacinho de pano a cada um. Na casa onde havia três pessoas êle deixava três quadrados de tricoline, dizendo: “Tende a bondade de escrever neste pedacinho de pano, alguma coisa boa que prometeis fazer ao doutor. Amanhã passarei por aqui, recebendo-os, para minha mãe com êles fazer uma colcha ao doutor e então vereis o que haveis de ver.”

E cada um por sua vez parava de chorar para responder: “Terei nisso prazer, snr. Sorriso; agradeço-lhe a idéia feliz.”

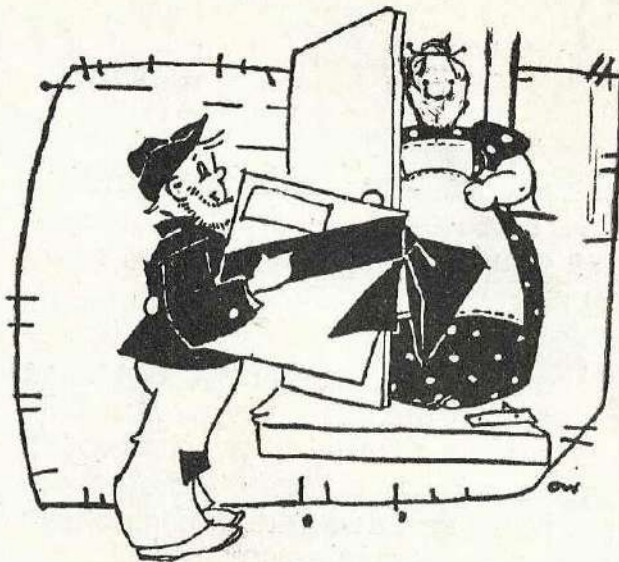
Na manhã seguinte o snr. Sorriso mandou para recolher os quadrados. Encontrou-os todos prontinhos e satisfeito levou-os à sua mãe que, pegando agulha e linha, costurou os 403 pedaços de tricoline, formando uma colcha linda, linda. Uma vez pronta, dobrou-a bem dobradinha, embrulhou em papel branco, amarrando com fita azul e deu-a ao filho.

O snr. Sorriso Coceguento, radiante de alegria, foi à casa do doutor.

— Que é isso? perguntou Ana, atarentada.

— O povo todo desta cidade envia êste embrulho ao dr. Neto!

— Mas êle não pode engulir isto tudo! exclamou Ana, pegando o embrulho.



Dirigiu-se então ao quarto do doutor, mostrou-lhe o presente e desembalhou-o. Uma colcha!

Ana ergueu-se e o doutor leu o que estava escrito em cada quadrinho. Eis algumas das coisas que êle leu:

“Prometo arranjar-lhe uma campainha nova. Súsie Leite.

Prometo pintar sua porta da rua. Roberto Pires.

Prometo pôr vidraça na janela da frente. Borbã.

Mandar-lhe-ei uma tigela de caldo de frango. Betina.

Mandarei consertar a grade de seu jardim. Pedro Lara.

Far-lhe-ei uns sapatos de lã. Vovó Maria.

Enviar-lhe-ei um pudim. Nhá Chica.

Dar-lhe-ei uma gravata. Brito.”

E assim por diante.

Ao terminar o centésimo quadro já o doutor conseguiu erguer a cabeça; ao fim de mais cem, êle conseguiu sentar-se. E quando leu o último quadrinho, teve um ataque de riso, pois lá estava:

“Deixarei o doutor brincar com minha boneca de pano. Editinha.”

E tanto o doutor se distraiu com sua colcha e seus presentes, que o micróbio foi dando o fora, pois ali onde reinava tanta alegria, já não era o seu lugar. Foi saindo, saindo, até que desapareceu para sempre.

O doutor Neto foi melhorando dia a dia até que se restabeleceu por completo para contentamento de todos e nenhum dêles deixou de cumprir sua promessa.

(Adapt.)

O carregador d'água

Em Vera Cruz, cidade pequenina e florescente da Alta Paulista, morava o menino Ângelo em companhia do pai e da mãe. Eram pobres, remediados.

Aconteceu, porém, uma desgraça àquela família que vivia humilde, mas pacificamente. O pai começou a jogar e a beber e, como vocês podem imaginar, foi deixando de comprar as coisas necessárias em casa.

A mãe ganhava como lavadeira. Lavava para o hotel, o único da cidade. Mas em Vera Cruz havia uns mosquitos cuja mordida ocasionava ferida brava. E a mãe de Ângelo, sentiu certo dia a picada da mosca tão temida. No dia seguinte já sua perna amanheceu inflamada, e a ferida doendo muito. Sofreu horivelmente. Com o passar dos dias, a ferida brava foi crescendo. A pobre lavadeira procurou um farmacêutico que lhe receitou uma pomada, mas a ferida piorava em vez de apresentar melhoras. E com dôr tão forte na perna, como poderia dar conta da roupa? E se perdesse a freguesia? Do marido nada esperava e o filho era ainda pequeno, tinha 10 anos.

Ângelo surpreendeu-a sentada no pôço, chorando. Ele era um bom menino e filho amoroso.

Aproximou-se.

— Mamãe, por que a senhora está chorando? Piorou a perna?

Ela, enxugando as lágrimas com o avental, disse:

— Meu filho, estamos mal. Seu pai, há meses só nos vem dando tristezas e agora, eu assim... temo perder a freguesia... e que será de nós? O farmacêutico disse que eu não posso fazer fôrça e que preciso de repouso.

Ângelo pensou um pouco e depois disse com o rosto aclarado:

— Já sei, mamãe! Vou procurar um emprêgo.

— Pensei nisso, meu filho, mas acho difícil por causa da escola. Você já está no 4.º ano. É o seu último ano e ser-me-ia mui doloroso privá-lo dos estudos, inda mais que você vai indo tão bem.

O menino não tinha pensado nisso, mas compreendia serem razoáveis as palavras da mãe. Teve nova idéia.

— Então, mamãe, vamos fazer assim: — eu trago e levo a roupa; levanto-me cedo e puxo bastante água, deixando tôdas as tinas bem cheinhas; enquanto vou à escola a senhora ensaboia a roupa, com a perna descansando num banquinho e põe para corar. Ao meio dia quando eu voltar, renovo a água da tina e estendo a roupa no varal para não precisar a senhora estar de lá para cá.

Vendo tanta boa vontade por parte do menino, a mãe não pôde deixar de sorrir e dizer um tanto animada:

— Vou experimentar, Ângelo. Acho que assim venceremos as dificuldades.

No fim duma semana, Ângelo estava satisfeito porque a mãe dera conta do serviço, em virtude do seu auxílio.

Mas a sua tarefa não estava ainda terminada. A ferida brava continuava piorando; os gastos na farmácia cresciam além de suas posses.

Ângelo percebeu a situação. Sem nada dizer à mãe, saiu a procurar um emprêgo. Mas quem é que queria como empregado um menino pequeno e só para meio dia de serviço? A resposta era sempre a mesma: "Se fôsse para o dia todo, podia ser..."

Ângelo ficou acabrunhado. Orou a Deus para que lhe desse um novo plano. Sua cabecinha continuou trabalhando até que teve uma idéia. "Vou oferecer-me de casa em casa para puxar água do pôço. Posso cobrar \$100 de cada balde." Com este

pensamento, Ângelo, firme e resolutto, bateu numa casa. Parecia ser de gente rica. À porta apareceu uma senhora amável e simpática. Ângelo não titubeou:

— Boa tarde, dona. Será que a senhora me quer ajustar para puxar água do pôço?

A mulher sorriu ante o oferecimento tão exquisito, pois era o primeiro que ouvia. Pela aparência e franqueza do menino, a senhora se interessou:

— Mas você aguenta? O pôço é muito fundo.

Animado pela fisionomia da senhora, respondeu:

— Ah! Isso garanto! Se a senhora soubesse quantos baldes eu puxo para mamãe! E o nosso pôço também é fundo, como quasi todos aqui de Vera Cruz.

— E quanto você cobra?

— Se a senhora achar que vale, um tostão por balde.

— Bem, então vamos fazer assim: — você me puxa 10 baldes por dia. Coincidiu que estou sem empregada e preciso mesmo de alguém para baldear água, inda mais que tenho êste jardinzinho que precisa ser bem molhado.

Ângelo ficou muito agradecido, pois afinal, 30\$000 por mês estavam garantidos. Como sua mãe haveria de gostar!

— A senhora quer que eu comece já?

— Se você puder...

Ângelo transpôs o portãozinho de ferro e, tirando logo o paletó, acompanhou a boa senhora até o pôço. Seu coração exultava em prece de agradecimento a Deus.

Com rosto alegre, puxou os 10 baldes de água.

A senhora mostrou-se satisfeitíssima com a esperteza do rapazinho e perguntou-lhe:

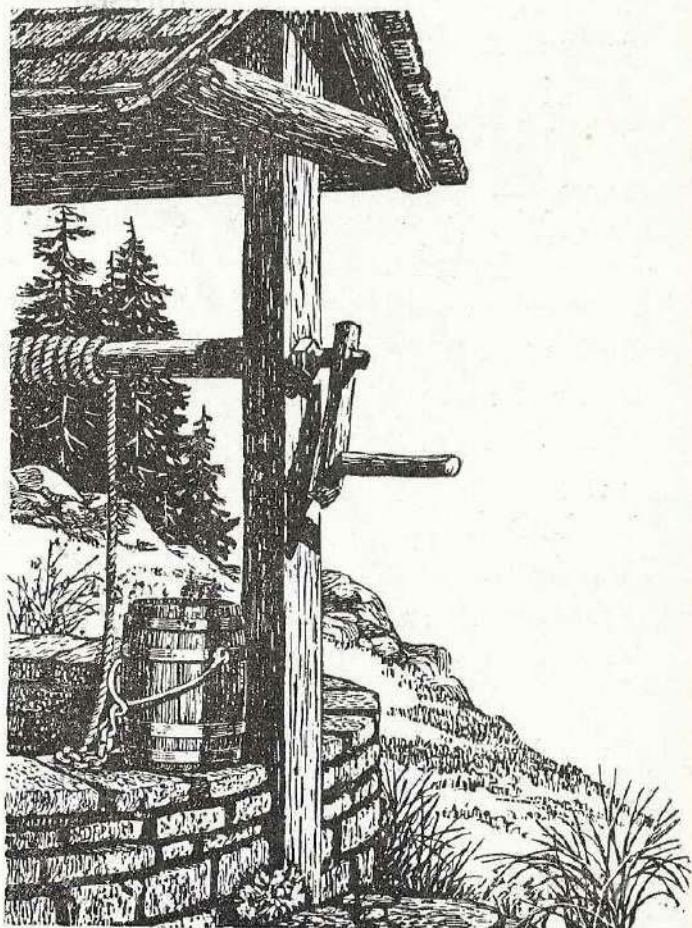
— Então, está muito cansado?

— Um pouco. (Mas o rosto vermelho e a camisa molhada de suor bem mostravam o quanto estava exausto).

— Então descanse um pouco.

— Não posso, mamãe me espera.

Interessando-se por êle, procurou conhecer sua vida e não pôde deixar de elogiá-lo, diante de tanta abnegação. Sabendo que a mãe dêle tinha uma ferida brava, que não dava de si, resolveu ir vê-la e ensinar-lhe um remédio realmente eficaz, preparado na farmácia mesmo. A comoção da pobre lavadeira foi indescritível. A boa senhora, patrão de Ângelo, continuou visitando-a até vê-la completamente boa e prometeu colocar o menino numa conceituada casa comercial, assim que êle terminasse o grupo.



OS URSINHOS QUE NÃO

Era uma vez dois ursinhos: Crique e Brique. Moravam numa boa casa às margens dum grande lago, perto da enorme floresta. Sua boa mãe era d. Xantipe e o pai, o velho sr. Taco.

Tôdas as manhãs o sr. Taco os acordava, dizendo: "Uf, vamos, ursinhos, já é hora de deixar a cama."

Crique costumava abrir o olho esquerdo e dar um espirro, mas Brique abria primeiro era o olho direito. Depois, sentindo o cheiro agradável das torradas e mel que a mamãe lhes preparava, davam um pulo da cama e vestiam-se às carreiras.

Chegando à cozinha, a mamãe com cuidado e carinho punha um guardanapo azul no peito de Crique e um cor-de-rosa no de Brique; daí cada um trepava no banquinho feito pelo papai e bebia o leite quente em tigelas bem bonitas.

— Eu gosto de leite, disse Crique, pois estou ficando forte mesmo.

— Eu também, acrescentou o irmãozinho, porque o leite me deixa bom o dia todo.

Tendo esvasiado as tigelas de leite, a mãe trouxe o mel com as torradas e disse:

— Vejam, filhinhos, que gostosura! Se vocês prometerem vir tomar banho hoje assim que eu chamar, deixarei cada um comer dois pedaços.

Os dois se apressaram em fazer a promessa e das duas fatias de pão que cada um comeu, não ficou nem uma migalhinha. Pedindo licença à mãe, saíram da mesa.

Depois os dois irmãozinhos foram brincar um pouco no quintal e tomar banho de sol. Divertiram-se jogando

pedras no lago; apanharam flores silvestres para com elas a mamãe enfeitar a mesa de jantar; por fim, brincaram de esconde-esconde.

Gostaram tanto do brinquedo que quando d. Xantique os chamou: "Venham, ursinhos, venham tomar banho", esqueceram-se completamente da promessa. Crique se escondeu atrás duma árvore e Brique correu no meio dum mato alto.

Vendo d. Xantique que nenhum deles respondia, disse ao marido: "É melhor você falar com os malvadi-



nhos. Estão outra vez escondendo-se de mim para não tomar banho."

— Uf! gritou o pai. Uf! Uf! Venham tomar banho já e já

Ao ouvir a voz severa do pai, os dois foram correndo, despiram-se e pularam na tina d'água, adrede preparada.

Depois de bem limpinhos e sequinhos sentiram-se tão bem que lhes causava pasmo não terem querido ir antes.

Mas, dia após dia, era a mesma cantilena. Os dois cabeçudinhos es-

GOSTAVAM DE TOMAR BANHO

peravam ouvir o chamado do pai, para se decidirem a tomar o banho diário.

Certa ocasião o velho sr. Taco saiu. Foi do outro lado da floresta comprar mais mel. Na hora do costume d. Xantique chamou: Ursinhos, é hora do banho!"

Os dois se esconderam depressa, um atrás duma árvore e outro entre o mato alto. A boa mãe chamou e chamou, mas os dois, caladinhos, não lhe respondiam.

— Ho! Ho! sorriu Crique. Enganamos mamãe!

— Ha! Ha! respondeu Brique. Vamos brincar agora!

— Tenho uma idéia! anunciou Crique. Está vendo aquela árvore ali perto do lago? Vamos trepar para espiar o que mamãe está fazendo?

— Isso mesmo! Eu subo primeiro! apressou-se Brique a dizer.

Era uma árvore nova, forte no entanto, mas muito flexível.

Brique foi o primeiro a subir. Que prazer! O galho ia e vinha que era uma beleza! Venha, Crique! Venha balançar comigo.

O irmãozinho urso foi, pois êle era louquinho por balanço. Mas ao chegar na ponta do galho, êste foi-se curvando cada vez mais e já não ia

e vinha como antes. O pêso de dois ursinhos gordos era demais para aquele galho. E aconteceu o que êles não previram. O galho se curvou tanto, sôbre o lago, que Crique e Brique foram-se escorregando cada vez mais para a ponta, e... *bumba!*... lá se foi o Brique para a água! Caiu mesmo pesado, de cheio. E atrás dêle, com fôrça ainda maior, veio o pobre do Crique... *bumba!* Foi um banho e tanto.

Não demorou a aparecer d. Xantique muito aflita, encontrando os dois à beira do lago, chorando, espirrando e a tremer de frio.

A boa mãe pôs os dois na cama e lhes colocou sôbre o peito emplastro de mostarda, bem quente. Como êles sofreram!

Depois chegou o pai e para completar o medicamento, passou-lhes um bom pito.

Também, nunca mais!

Por muitos dias êles não puderam sentir o cheiro das torradas com mel, tão deliciosas, por estarem com o nariz tapado. Daí por diante, bastava d. Xantique pegar na toalha e no sabão para os dois virem vindo, antes até de serem chamados.

E quem mais lucrou com o tomboço dêles foi a boa mamãe.





DECÁLOGO PARA OS PAIS DO ESCOLAR

I — A primeira preocupação deve ser a da saúde. A criança convenientemente alimentada, com regimen adequado, suportará melhor a tarefa intelectual da escola.

II — Que a higiene seja também sinônimo de saúde... O asseio pessoal reflete ao mesmo tempo a dedicação de uma mãe cuidadosa em apresentar seu filho, limpo, sorridente e ativo.

III — Procurar a escola na qual a criança encontre um ambiente de simpatia entre mestres e condiscípulos. A criança tem uma grande delicadeza e trabalhará com mais gosto quando sabe que conta com a estima dos demais.

IV — O trajeto de casa à escola é regulado pela hora de entrada. Fazer da pontualidade um hábito agradável e vigiar a hora do regresso ao lar, que deve também ser uniforme. Evitarão assim os pais as travessuras e a ameaça dos perigos do trânsito.

V — Orientá-las nos exercícios escolares não significa fazê-los. O valor da elaboração feita pela criança é de uma grande significação moral. O estímulo não faltará com palavras bondosas mas desprovidas do exagêro que conduz à vaidade e ao pedantismo.

VI — As horas das refeições devem ser alegres. Aproveitar o momento da tranquilidade para repreendê-la ou admoestá-la é um grave erro. Durante as horas da digestão e do sono, necessitará, mais do que nunca, da tranquilidade espiritual.

VII — Estudar os filhos a todo momento deve ser uma das principais preocupações. A natureza infantil oferece muitos

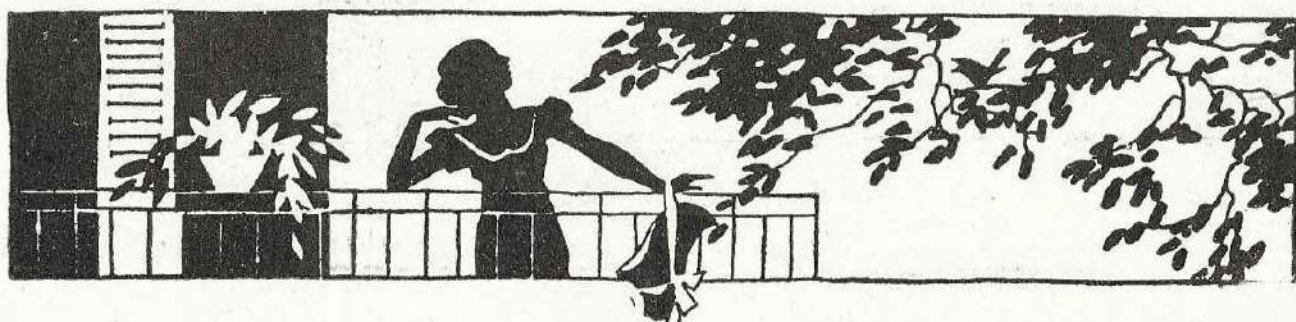
aspectos que, bem compreendidos, facilitarão o êxito do trabalho escolar.

VIII — Alternar as tarefas intelectuais com os jogos, os desportos, o trabalho manual e as tarefas domésticas na escola. E' tão pernicioso a ociosidade como o trabalho opressor e sem descanso... Lembrem-se, porém, os pais, que quando a criança brinca gasta também energias físicas e mentais; a dosagem impõe-se para não cair em excesso.

IX — Não há "crianças más" quando se lhes emprega inteligentemente a atividade motora. A criança que está entretida todo o dia com tarefas escolares alternadas com as distrações, não faz diabruras. Salvo casos excepcionais, essa é a regra geral, e à excepção que a confirma, deve-se prestar muita atenção; um exame médico indicará as causas e aconselhará os métodos curativos para que desapareçam.

X — "Nosso filho será um "sábio" dentro de muito pouco". Deixe essa preocupação errônea como também não se aflija quando o informem de seu atraso, má conduta ou aplicação. Estude as causas e lembre-se que nem tôdas as crianças se adaptam igualmente à disciplina da escola, nem tôdas têm o mesmo poder intelectual. Procure o mundo ouvir as observações dos mestres, e com tato, nunca com violência, busque a solução que algumas vêzes encontra-se num descanso ou no melhoramento dos hábitos de higiene mental e na alimentação dos estímulos, abandonando as falsas comparações com os outros filhos ou com os demais companheiros de classe.

Extr.



Brasileiros Ilustres

D. PEDRO II — IMPERADOR — MOÇO E VELHO

D. Pedro II, com 14 anos de idade, assumiu o governo em 1840. Passava o Brasil por difíceis crises políticas, mas o menino-homem soube ocupar o seu lugar. Estudioso, inteligente, pacífico, humilde e metódico — era a pessoa que o Brasil precisava. “Nascera para servir”. O cumprimento do dever era para ele essencial na vida; cumpria-o por obrigação e não por ver nisso heroísmo. Também exigia dos outros igual honestidade.

Casou-se com 18 anos. Sua noiva, D. Teresa Cristina, irmã do rei Francisco II das Duas Sicílias, viera da Itália para casar-se com ele. Ela era 3 anos mais velha que ele, manca e muito baixinha, o que formava um contraste enorme. Mas D. Pedro disse não sabia, pois apenas a conhecia pelo retrato que lhe enviou Bento da Silva Lisboa, o encarregado de trazer-lhe uma noiva. Mas D. Cristina era bonita, prendada, inteligente, cantora exímia e muito, muito boa. Seria a Imperatriz do Brasil. Embora fôsse um casamento sem amor, viveram muito felizes. Ela lhe foi uma companheira em tudo. Acompanhou-o nas viagens que fez pelo Brasil todo. D. Pedro II queria conhecer o seu povo e ser por ele conhecido. Evitava as recepções e discursos. Preferia passear pelas cidades, conversando com uns e com outros indistintamente.

Ainda hoje muitos há que se recordam, com saudade, do gosto que tiveram de vê-lo ao menos, quando em visita às cidades de seu vasto país. Conta-se que indo ele a Pirassununga, acompanhado de sua mui digna esposa, visitar as escolas, deram-lhe uma bêsta muito bonita para nela montar (aínda não havia automóveis). D. Pedro, de natural comunicativo, perguntou ao fazendeiro que o acompanhava: “Como se chama esta bêsta, tão boa e bonita?” O outro, um tanto embaraçado, gaguejou mas não quis responder. D. Pedro insistiu. “Temo ofender a Vossa Majestade”, respondeu o homem, muito atrapalhado. D. Pedro não sossegou; queria saber o nome da bêsta e o homem visivelmente acanhado, contou: “O nome dela é Princesa”. D. Pedro, longe de se ofender, riu muito por ver o embaraço e a simplicidade do homem.

Visitava as escolas e com que gosto! O seu amor pelos estudos, fazia-o procurar os estudantes e professores do seu grande país, para estar em seu meio. Não perdia nenhum concurso de professores, se tivesse oportunidade de comparecer. Cha-

maram-no alhures de Mestre-escola do Império, Inspector do ensino e policiador da moralidade. “Se eu não fôsse imperador, seria professor”, eis como se expressou certa vez.

D. Pedro II teve durante os seus anos de govêno, sérias questões políticas, mas valiosa lhe foi a lição de seu mestre, frei Pedro, que ele a guardou bem viva — “os grandes reis não são os guerreiros; precisamente são os que, sem batalhas, engrandecem os seus estados”. D. Pedro II, com o seu espírito pacífico, não entendia o esplendor das conquistas; mais largos eram os seus horizontes. E com êstes predicados ele se fez o chefe respeitado e querido da Família Brasileira, e assim a governou e educou.

De seu casamento com D. Teresa Cristina, teve 4 filhos: — o primogênito D. Afonso que morreu com 2 anos; D. Isabel que se casou com o conde d’Eu e que o substituiu na regência quando se ausentou para a Europa, com a esposa, em busca de saúde, pois muito abatidos ficaram com a morte da terceira filha, D. Leopoldina, casada com Augusto, duque de Saxe; o quarto filho foi D. Pedro que morreu com 1 ano e meio.

Durante sua estada na Europa, D. Pedro II nunca abandonou os livros; procurou conversar com as grandes mentalidades de então, mas sempre humilde e modesto.

De volta ao Brasil, o Imperador reassumiu as rédeas do govêno. Entrou novamente em sua vida metódica e de grande atividade.

Bem disse Oliveira Lima: “A figura de D. Pedro II está definitivamente colocada entre as principais figuras morais do século passado... seu amor da paz sem deshonra e da justiça indefectível; sua paixão pela ciência, primeiramente, pelas letras em seguida, e enfim pelas artes e em suma, por tudo quanto se refere ao espírito; seu desprezo da vulgaridade, sua gravidade sem arrogância, sua bondade sem afetação, sua honestidade sem limites, tornaram o nome dêste monarca familiar aos que se ocupam de história e de política, assim como de filosofia e de moral e também muito prezado dos que se deixam seduzir pelos aspectos superiores da humanidade; ele foi o mais nobre dos homens, o mais perfeito dos soberanos.”

Já a êste tempo a vida na Quinta de S. Cristóvão não era muito triste como no tempo em que o imperador era menino.

Enchiam-na de alegria e vida os seus netinhos. Certa noite o príncipe D. Pedro Augusto foi a um baile. Ao voltar às 3 horas da madrugada encontrou o avô deitado em sua cama, lendo à luz duma vela. Vendo-o espantado, explicou ternamente a razão: — àquela hora da noite não devia ficar deserta a cama de um moço solteiro. Fôra ocupá-la. — Lição preciosa!

Continuava D. Pedro em sua vida ativa. O povo lhe queria bem. Os pobres o amavam, pois ele e a imperatriz eram muito beneficentes. Davam tudo o que tinham, reservando apenas o necessário para viver; e a vida no palácio era muito simples, comparada ao luxo e pomposidade dos palácios europeus; tanto que uma das coisas que mais impressionaram o conde d'Eu em sua primeira visita ao Brasil, foi a simplicidade da vida na Quinta de S. Cristóvão.

Começaram afinal os republicanos a se movimentar. A política não podia mais continuar no pé em que estava. D. Pedro II esperava o desfêcho, mas não tão duro como ele veio. Ao receber a ordem para deixar o Brasil com toda a família naquela triste madrugada, disse:

— “Não sou negro fugido. Não embarco a esta hora.”

Resignou-se por fim. Sofreu a dor imensa. Embarcou.

“Se permitissem que fôssem morar em

Petrópolis, coitadinhos, dois velhos a esperar que a sua hora chegasse, do descanso final?...” disse a imperatriz.

E quando a espôsa e filha se queixavam do tratamento recebido, ele as consolava dizendo não ser aquilo traição, pois era-lhe impossível compreender que assim tivessem agido os seus queridos brasileiros. Mas a imperatriz não pôde suportar tamanha dor. Dias depois da chegada ao Porto, adoeceu. Já com as mãos frias murmurou: “Eu não morro de moléstia, morro de dor e de desgosto”.

O imperador só encontrava consolo nos livros. Gostava de receber notícias do Brasil. Daria tudo para poder acabar seus dias calada e esquecidamente, no fundo da Quinta onde nascera. Mas esse gosto não foi satisfeito.

Apanhou a pneumonia. Rodeavam-na, na última noite, à cabeceira, o Dr. Mota Maia, seu companheiro fiel, a filha D. Isabel com o marido, conde d'Eu, D. Pedro Augusto e mais uns poucos amigos. Morreu no dia 5 de dezembro de 1891, na primeira hora da madrugada. Todos choraram a morte do grande homem. Mota Maia aproximou-se com uma almofada cheia de terra brasileira e substituiu-lhe por ela o travesseiro. Cumpria assim um desejo d'ele — queria repousar a cabeça em terra natal, com a ilusão de ter descansado para sempre no chão de seu país.

A
v
e
n
t
u
r
a
s



d
o
G
a
r
o
t
o

PERGUNTAS sôbre o corpo humano

1. Qual é o maior osso do corpo?
2. Qual é o osso que, se lhe trocarmos a última letra, passa a ser o que se prega nos vidros para indicar o conteúdo?
3. Qual o osso que encontramos nas oficinas dos ferreiros?
4. Qual o osso usado pelos cavaleiros?
5. Qual o osso usado para bater pregos?
6. Qual o osso que também é instrumento?
7. Que parte do corpo humano pode ser chamada de cortinas com franjas?
8. Que osso é homônimo de um aluno que não mora no internato?
9. Que parte do corpo humano chama-se pavilhão?
10. Que é panturrilha?
11. Qual é o osso que todos os dedos têm menos o dedão?
12. O plural de pé mais o presente do indicativo do verbo coçar, na 1.^a pessoa singular, dá que parte de nosso corpo?
13. O que do corpo humano tem o mesmo nome que dois bois debaixo duma canga?
14. Um pedacinho de vela mais um pedaço de couro dá que parte do nosso corpo?
15. Como se chama o grande músculo que separa o peito do abdômem?
16. Como se chama o líquido que serve para humedecer as articulações, facilitando o seu movimento?
17. Qual o órgão chamado o "guarda-comida" nosso?
18. De que cor é o nosso miolo?
19. Qual o órgão que segrega a bilis?
20. Em uma pessoa normal, quantos metros medem os intestinos?



PETISCOS para os Bem-Te-Vistas



O SEGRÊDO DA MAYONAISE

Minha filhinha sempre diz:

— Mamãe, como é que quando a senhora faz bolos põe sempre as mesmos ingredientes, farinha, ovos, leite, açúcar e saem coisas tão diferentes?

— E' um mistério filhinha. Veja só o que vamos fazer com:

2 gemas de ovos

1 colher das de chá de mostarda ou noz moscada

1 colher das de chá de sal

1 colher das de chá de assucar

2 chécaras cheias de óleo de salada bem fresco.

$\frac{1}{4}$ de chécara de caldo de limão ou vinagre

— Que será?

Primeiramente ponha os quatro primeiros ingredientes numa tigela e bata bastante, uns 5 minutos, sem parar. Adicione, **gota a gota** o óleo até usar $\frac{1}{4}$ de chécará de chá. Daí por diante vá ponto o azeite mais rapidamente, sem no entanto, parar de bater, e sempre batendo do mesmo jeito. Depois de usar $\frac{1}{4}$ de chécara de óleo, comece a adicionar umas gotas de limão alternadas com o óleo. E' importante que tudo esteja bem frio.

Não é interessante que da combinação destes ingredientes saia um molho tão gostoso e bonito como a mayonaise?

Passe agora um pouco dêsse molho no pão, ponha no meio uma fatia de abacaxi e experimente que gostosura.

O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPÍTULO IX

A RAÍNHA DOS CAMONDONGOS DO CAMPO

— Não devemos estar longe da estrada de tijolos amarelos, observou o Espantalho, enquanto esperava Dorita acordar. Já quasi voltamos ao lugar onde estávamos antes que a correnteza nos levasse rio abaixo.

O Lenhador de Latão ia responder, quando ouviu um ronco abafado. Virando a cabeça, que funcionava admiravelmente sobre as dobradiças, viu um animal muito exquisito que, saltando sobre o capim, se aproximava deles. Era um gato do mato, grande e amarelo. Parecia estar perseguindo alguma coisa, pois vinha com as orelhas deitadas para trás, a boca muito aberta, arreganhando duas fileiras de dentes terríveis, e olhos vermelhos a faiscar como brasas vivas. Quando o animal chegou mais perto, o Lenhador viu que ele queria pegar um camondongo pequenino e cinzento, que corria na sua frente. Apesar de não ter coração, ele sabia que o gato do mato não tinha direito de matar um animalzinho assim tão manso e bonitinho.

O Lenhador levantou o machado justamente no momento em que o gato do mato passou na sua frente e zás... deu-lhe uma machadada tão forte que lhe separou a cabeça do corpo e as duas partes caíram aos seus pés.

O Camondongo do Campo, livre do inimigo, parou de repente. Depois, chegou-se vagarosamente para o Lenhador de Latão e lhe disse numa vozinha estridente:

— Agradeço-lhe muitíssimo a sua bondade em salvar-me a vida.

— Não há de que, respondeu o Lenhador. Embora não tenha coração, nunca deixo de ajudar os que têm necessidade de um amigo, mesmo que seja um simples camondongo.

— Um simples camondongo! Era só o que faltava! exclamou o ratinho, indignado. Sou uma Rainha, a Rainha de todos os camondongos do campo!

— Deveras? disse o Lenhador, fazendo uma respeitosa reverência.

— Portanto, salvando-me a vida, praticou não só um ato de bravura, como também prestou um grande serviço ao meu povo.

No mesmo instante, vários camondongos vieram correndo e, muito assustados, aproximaram-se da Rainha, dizendo-lhe:

— Receávamos que Vossa Majestade tivesse sido morta. Como conseguiu escapar do terrível Gato do Mato?

Acompanhavam suas palavras com reverências tão profundas que pouco faltava para virarem uma cambalhota no ar.

— Devo a minha vida a este extraordinário homem de latão, respondeu ela. Foi ele quem matou o Gato do Mato, salvando-me de uma morte tão trágica. Ordeno-lhes que daqui por diante, sejam satisfeitos todos os desejos desse homem.

— Aquí estamos para servir nossa Rainha! exclamaram em cântico os camondongos.

Nisto, fizeram uma debandada! Tomados de grande medo, azularam, espalhando-se pelo campo. E' que Totó, quando morava na casa dos tios de Dorita, sempre se divertia, caçando camondongos e por isso achou que era a coisa mais natural do mundo fazer o mesmo ali.

O Lenhador de Latão, porém, pegou o cachorro e segurou-o com força, ao mesmo tempo em que chamava os camondongos:

— Voltem, voltem! Totó não fará mal a nenhum de vocês.

A Rainha dos Camondongos levantou a cabeça do seu esconderijo, no capim e, com voz tímida, perguntou:

— Tem certeza de que ele não nos vai morder?

— Tomarei conta dele, disse o Lenhador de Latão. Não tenham medo.

Um por um, ainda medrosos, os camondongos voltaram. Totó não latiu mais, embora tentasse escapar dos braços do Lenhador, a quem com certeza teria mordido se não soubesse que era feito de latão. Quando todos se acalmaram, um dos maiores de entre os camondongos dirigiu-se ao Lenhador de Latão:

— Que deseja em recompensa do seu feito, nobre salvador da nossa Rainha?

— Nada, absolutamente nada, respondeu o Lenhador.

O Espantalho, que estivera esforçando-se para pensar, mas sem resultado, por ter a cabeça cheia de palha, acrescentou depressa:

— Si o meu amigo não tem nada a pedir, eu tenho: quero que salvem o Leão Covarde, que está dormindo no campo das papoulas.

— Cruzes! Um leão! exclamou a Rainha. Ele nos devorará a todos!

— Não há perigo, garantiu o Espantalho. Esse Leão é um covarde.

— Deveras? perguntou o Camondongo.

— Foi êle mesmo quem o disse, respondeu o Espantalho. Demais, êle seria incapaz de atacar um amigo nosso. Se nos ajudarem a salvá-lo, tenho certeza de que êle os tratará muito bem.

— Pois bem, disse a Rainha, confiaremos na sua palavra, mas de que jeito salvar o Leão?

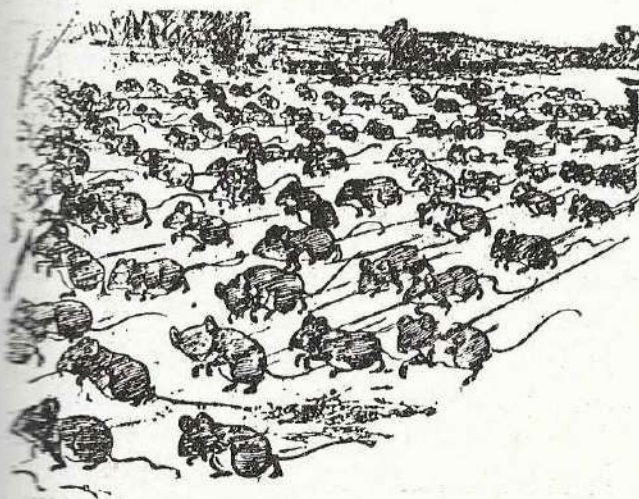
— São muitos os camondongos que a reconhecem como soberana e obedecem às suas ordens?

— São milhares.

— Queira então ordenar-lhes que venham todos aqui, sem perda dum só minuto, cada um trazendo consigo um pedaço de barbante.

A Rainha virou-se para os camondongos de sua comitiva e ordenou-lhes que reunissem imediatamente todo o seu povo. Apenas ouviram suas ordens, correram em tôdas as direções para cumprí-las.

— Agora, disse o Espantalho ao Lenhador de Latão, faça um carrinho para carregar o Leão.



O Lenhador pôs-se logo a cortar uma árvore e daí a pouco estava atarefadíssimo, construindo o carrinho. As rodas eram quatro pedaços de tronco duma grande árvore. Trabalhou tão depressa e com tanta habilidade, que, quando os camondongos começaram a chegar, já o encontraram acabado.

De todos os lados surgiram camondongos, aos milhares, grandes, pequenos e médios. Cada um trazia na bôca um pedaço de barbante. Foi só então que Dorita despertou do seu longo e profundo sono. Abriu os olhos e — que susto! Estava deitada na grama, rodeada de camondongos que a fitavam desconfiados. O Espantalho apressou-se em explicar-lhe tudo o que acabava de se passar. Em seguida, virando-se para a Rainha dos Camondongos:

— Permita-me apresentar-lhe Sua Majestade, a Rainha.

Cumprimentaram-se cortezmente e logo fizeram a mais cordial camaradagem.

Sem mais demora, o Espantalho e o Lenhador puseram-se a atrelar os camondongos ao carrinho, por meio dos barbantes que tinham trazido. Amarraram ao pescoço de cada camondongo a extremidade dum barbante e a outra, ao carro. Está claro que o carro era mil vêzes maior que qualquer um dos camondongos que o tiravam, mas, estando todos atrelados, puderam facilmente puxar a geringonça. Assim juntos, os camondongos tinham tanta força que com facilidade puxaram o Lenhador e o Espantalho em cima. Rapidamente foram levados ao lugar onde o Leão estava dormindo.

Tiveram de suar para tirar o enorme Leão do lugar onde estava.

Quando afinal conseguiram colocá-lo no carro, a Rainha imediatamente deu ordem



de partida. Receava que os camondongos também adormecessem caso a demora fôsse longa entre as papoulas.

A princípio não conseguiram sequer mover o carrinho com a pesada carga. Vendo a dificuldade, o Lenhador e o Espantalho se dispuseram a ajudar; começaram a empurrar e assim puderam caminhar depressa. Deutro em pouco o Leão estava fora do campo das papoulas. Nas verdes campinas pôde de novo respirar livremente o ar puro e fresco.

Dorita foi ao encontro dos ratinhos e agradeceu-lhes com efusão. Ela gostava tanto do Leão que quasi desmaiou de alegria ao vê-lo são e salvo.

Em seguida, desarream os camondongos, que trataram de se raspar para suas casas, correndo pelo meio do capim. A Rainha foi a última a partir.

— Se algum dia precisarem outra vez de nós, disse ela, é só virem aqui e nos chamar. Estamos todos às suas ordens. Adeus!

— Adeus! responderam todos.

A Rainha foi-se embora numa disparada, enquanto Dorita segurava Totó, que estava doidinho por correr atrás dela.

Ficando sozinhos, sentaram-se ao lado do Leão, esperando que êle acordasse. Dorita pôs-se a comer algumas frutas que o Espantalho colhera numa árvore próxima.

CAPÍTULO X

O GUARDA DO PORTÃO

O Leão Covarde custou a acordar, pois ficara muito tempo entre as papoulas, respirando o seu aroma venenoso. Quando finalmente abriu os olhos e se levantou do carrinho, ficou no auge da alegria por estar ainda com vida.

— Corri como um doido, disse êle, sentando-se e bocejando, mas as flores foram mais fortes do que eu. Como conseguiram tirar-me de lá?

Contaram-lhe então como os camondongos do campo tinham, tão generosamente, salvo sua vida. O Leão Covarde riu-se e disse:

— Sempre pensei ser muito grande, bastando a minha pôse para inspirar terror; no entanto, quasi fui morto por umas florezinhas... e foram os tímidos camondongos que me salvaram a vida, hein? E' exquisito! Mas agora, camaradas, que pretendem fazer?

— Precisamos caminhar até encontrar outra vez a estrada de tijolos amarelos, disse Dorita. Só então poderemos seguir para a Cidade das Esmeraldas.

Como o Leão já estava bom do envenenamento, recomeçaram imediatamente a viagem. Caminharam alegres pela tenra e fresca relva e não tardaram a encontrar a estrada de tijolos amarelos que os devia levar à Cidade das Esmeraldas, onde morava o grande Oz.

A estrada era agora lisa e bem calçada e os campos ao redor eram lindos. Os nossos viajantes sentiam um imenso bem estar, lembrando-se de que já tinham passado a floresta, onde tantos perigos os ameaçaram. Viam-se outra vez as cercas aos lados da estrada, mas estas eram pintadas de verde. Pouco além, chegaram a uma casa pintada da mesma côr e que evidentemente pertencia a algum lavrador. Pela tarde, passaram por várias outras iguais. Às vezes os moradores vinham à porta e olhavam desconfiados para o curioso grupo de viajantes, com ares de quem queria fazer-lhes alguma pergunta, mas o Leão, com seu ar arrogante, conservava-os à distância. Os habitantes dessa terra vestiam-se dum lindo verde esmeralda e traziam chapéus pontudos, como os dos munchilenos.

— Com certeza estamos na terra de Oz, disse Dorita; e não devemos estar longe da Cidade das Esmeraldas.

— Também me parece, respondeu o Espantalho. Tôdas as coisas aqui são verdes, enquanto que a côr predileta dos munchilenos é o azul. Esta gente não parece ser muito dada. Duvido podermos arranjar um cantinho onde passar a noite.

— Estou cansada de comer só frutas; queria alguma outra coisa, disse a menina e com certeza Totó está quasi morrendo de fome. Vamos parar na primeira casa que encontrarmos e falar com alguém.

Logo que encontraram uma outra casa de campo, Dorita, revestindo-se de coragem, chegou à porta e bateu. Uma mulher abriu-a um pouquinho, pôs a cabeça para fora e perguntou:

— Que você quer aqui, menina, e por que vem com aquele enorme Leão?

— Viemos pedir-lhe pousada, respondeu Dorita. O Leão é nosso amigo e muito camarada e seria incapaz de fazer qualquer mal.

— Êle é manso? perguntou ainda, arriscando abrir um pouco mais a porta.

— E' muito manso, sim senhora. Além disso é um grande covarde. Sabe de uma coisa? Êle terá mais mêdo da senhora do que a senhora dêle.

— Pois bem, disse a mulher, depois de refletir por um momento e olhar ainda desconfiada para o Leão; podem entrar. Vou preparar-lhes alguma coisa para comerem e um lugar para dormirem.

Entraram sem esperar segundo convite. Na casa havia, além da mulher, duas crianças e um homem. Êste tinha ferido a perna e estava deitado num sofá, a um canto da sala. Todos olhavam pasmados para êsse grupo tão extraordinário. Enquanto a mulher se ocupava em pôr a mesa, o homem entabou conversa com êles.

— Para onde vão?

— Vamos à Cidade das Esmeraldas falar com o grande Oz, disse Dorita.

— Que me estão dizendo! exclamou o homem. Têm certeza de que o grande Oz os receberá?

— Por que não? tornou a menina.

— Ora, dizem que êle não recebe pessoa alguma. Já estive muitas vezes na Cidade das Esmeraldas. E' uma cidade linda e maravilhosa, mas nunca consegui ver o grande Oz. Não conheço ninguém que o tivesse visto.

— Êle nunca sai de casa? perguntou o Espantalho.

— Nunca. Passa todo o tempo sentado na grande sala do trono, no seu palácio, e nem os seus próprios criados o vêem.

— Com o que se parece êle? perguntou a menina.

— Homem, para falar a verdade, não sei. Oz é um grande mágico e pode tomar a forma que quiser. Dizem alguns que tem a forma dum pássaro, outros, dum elefante e ainda outros, dum gato. A algumas pessoas êle aparece como uma linda fada, a outras como um lobishomem ou sob qualquer outra forma que escolher.

Ninguém sabe ao certo qual é a forma verdadeira do Poderoso Oz.

— Que exquisito! disse Dorita. Precisamos, contudo, descobrir um meio de falar com êle, sinão nossos planos vão água abaixo.

— Por que é que querem falar com o terrível Oz?

— Quero que êle me dê miolos, disse o Espantalho, com ânimo.

— Isso é canja para êle, disse o homem. Oz tem mais miolos do que precisa.

— Eu quero que êle me dê um coração, disse o Lenhador de Latão.

— E' facilimo! Possui uma grande coleção de corações de todos os tamanhos e feitios.

— E eu quero que êle me dê coragem, disse o Leão Covarde.

— Oz tem, na sala do trono, um grande pote, cheio de coragem, disse o homem. Está tapado com um prato de ouro para não transbordar. Oz terá muito prazer em dar-lhe um pouco de coragem.

— Sabe o que eu quero? Que êle me mande outra vez para casa de meu tio, na Terra dos Viventes, disse Dorita.

— Terra dos Vivente? Onde fica isso? perguntou o homem admirado.

— Não sei, disse tristemente, Dorita, mas é a minha terra e tenho certeza de que deve estar em algum lugar.

— Ah! E' lógico. Como Oz é capaz de fazer tudo o que quer, suponho que poderá achar sua terra. A dificuldade está em falar com êle, porque o Grande Mágico não gosta de receber visitas e, nesta terra, a vontade dêle é lei. Mas você o que quer? acrescentou, dirigindo-se a Totó.

Totó sacudiu o rabo; parece exquisito, não é? Mas êle não sabia falar.

Nesse momento a dona da casa veio convidá-los a irem para a mesa. A família já tinha jantado, mas mesmo assim, ela pôde arranjar alguma coisa para os hóspedes. Dorita foi logo servindo-se de um delicioso bolo de fubá e de uns ovos estrelados, o que lhe pareceu uma refeição principesca. O Leão comeu um pouco do bolo, mas não gostou. Desculpou-se, dizendo que o fubá é feito de milho e que milho é comida de cavalos. O Espantalho e o Lenhador de Latão não provaram nada. Totó, êsse sim, estava satisfeito. Lambiscou um pouco de tudo. Já estava com saudades de um bom jantar.

Depois de matarem a fome, a mulher convidou Dorita para dormir. No quarto havia uma cama bem macia, onde a menina se deitou, ficando, naturalmente, Totó ao seu lado. O Leão postou-se de sentinela, à porta do quarto, para que ninguém fôsse perturbar o sono da sua amiguinha. O Espantalho e o Lenhador de Latão ficaram de pé, num canto e passa-

ram a noite tôda em silêncio, embora não pudessem dormir.

Logo ao nascer do sol, puseram-se de novo a caminho. De repente, viram lá no horizonte um clarão verde e fulgurante.

— Oh! Olhem lá a Cidade das Esmeraldas! exclamou Dorita.

À medida que caminhavam o clarão verde se tornava mais e mais intenso. Pareceu aos viajantes que se aproximavam do fim da sua penosa jornada. Só pela tarde chegaram junto à cidade. Era alta, grossa e tôda verde.

A estrada de tijolos amarelos terminava diante duma grande porta, cravejada de esmeraldas, de tal modo reluzentes ao sol, que até o Espantalho, cujos olhos eram pintados, ficou deslumbrado com o seu fulgor.

Ao lado da porta havia uma campainha. Dorita apertou o botão e logo ouviu, lá dentro, o seu tilintar argentino. A grande porta abriu-se vagarosamente. Entraram todos para uma sala alta, de teto, abobadado, em cujas paredes brilhavam inúmeras esmeraldas.

Um homenzinho, que devia ter a altura dos munchilenos, apresentou-se diante dêles. Trajava-se de verde, dos pés à cabeça, e até sua pele era esverdeada. Ao seu lado havia uma grande caixa verde.

Ao ver Dorita e seus companheiros, perguntou-lhes:

— Que vieram fazer na Cidade das Esmeraldas?

— Viemos para falar com o Grande Oz, disse Dorita.

O homem ficou tão admirado ao ouvir tal resposta, que caiu sentado numa cadeira.

— Faz muitos anos que ninguém se atreve a pedir uma entrevista a Oz, disse êle com ar perplexo. Sabem que o Grande Mágico é poderoso e terrível? Se vocês interromperem suas sábias cogitações, com algum pedido sem importância ou tolo, êle ficará furioso e é capaz até de matar vocês todos, no mesmo instante.

— Não receiamos isso porque o nosso pedido não é sem importância nem tolo, replicou o Espantalho; pelo contrario, é até muito importante! Disseram-nos que Oz é um mágico bondoso.

— Sim, é bondoso, disse o homem verde. Além disso, governa bem e com sabedoria a Cidade das Esmeraldas. Para as pessoas desonestas ou que se aproximam dêle por mera curiosidade êle é terrível e bem pouca gente tem-se atrevido a pedir-lhe uma entrevista. Eu sou o Guarda das Portas e já que pedem para ver o grande Oz, é minha obrigação levá-los ao palácio, mas antes de tudo precisam pôr os óculos.

— Por que? perguntou Dorita.

— Porque sem óculos ficarão cegos com o esplendor da Cidade das Esmeraldas. Os próprios habitantes da cidade não passam sem êles. Cada par de óculos, ao ser colocado, é fechado à chave. Oz decretou que assim se fizesse e eu possuo a única chave que pode abrí-los.

O Guarda da Porta abriu a enorme caixa e Dorita viu que estava cheia de óculos de todos os tamanhos e feitios, mas todos os vidros eram verdes. Encontrou um par que servia direitinho para Dorita. Todos êles tinham uma correntezinha de ouro, com um cadeado na ponta. O Guarda fechou o cadeado dos óculos de Dorita, com uma chavezinha que trazia pendurada ao

pescoço. Depois de colados, Dorita não podia mais tirá-los sozinha. A menina não protestou porque não queria que o brilho extraordinário da Cidade das Esmeraldas a cegasse.

Em seguida, o homem verde fez o mesmo ao Espantalho, ao Lenhador de Latão, ao Leão e até ao Totó.

Depois, pondo também os seus óculos, o Guarda das Portas disse que estava pronto para guiá-los ao palácio. De um gancho na parede, tirou uma grande chave de ouro, com a qual abriu outra porta, por onde todos passaram e o foram seguindo, através das ruas da Cidade das Esmeraldas.

(Continua)



VALENTIA DO SNR. SORRISO



Era uma vez um garotinho que tinha um... um... rosto!

Até aqui, nada de extraordinário, mas as visitas que o rosto daquele garotinho recebeu é que são de assustar. Pois foram Donas Rugas e Snrs. Beijos.

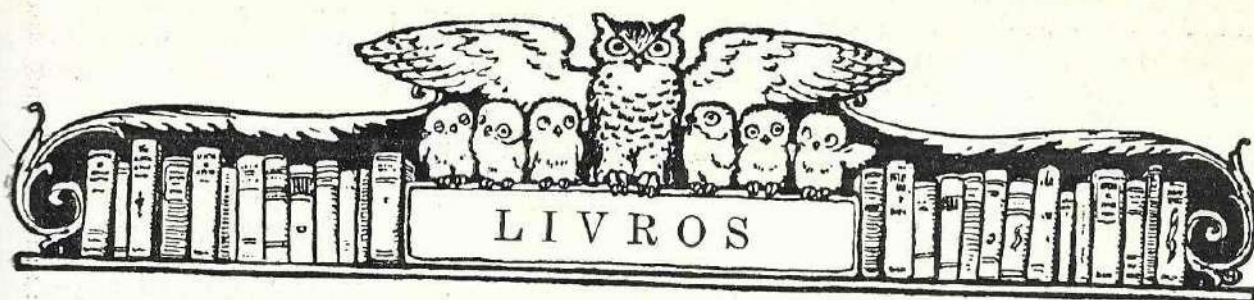
Donas Rugas tanto correram de lá para cá sobre a testa do menino, que afinal ela ficou cheinha de marcas fundas: eram o caminho das donas Rugas. Não satisfeitas com isso começaram a passar de lá para cá, ao redor dos olhos dêle, antes tão expressivos, e não demorou que deixassem também lá o seu caminho feito.

Os Snrs. Beijos por sua vez não perderam tempo. Sentaram-se na

pontinha do nariz dêle e começaram a puxar os cantos de sua boca, até deixarem o garotinho horrível de feio, com os beijos de fora.

Mas um dia... Houve um dia em que chegou outra visita e foi grande a transformação. Quem havia de ser? Foi o Snr. Sorriso! Não sei ao certo de onde veio; talvez saísse detrás das orelhas do menino, mas o fato é que, antes de Donas Rugas e Snrs. Beijos darem por sua presença, ah! já êle lá estava, e resoluto! Espancou-os, atropelou-os, fez-lhes ameaças e foi aquela debandada. Nunca mais ousaram voltar. E quem zela pelo rosto, agora lindo e amável daquele garotinho, é o bom do Snr. Sorriso.





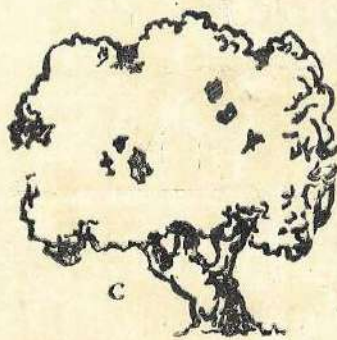
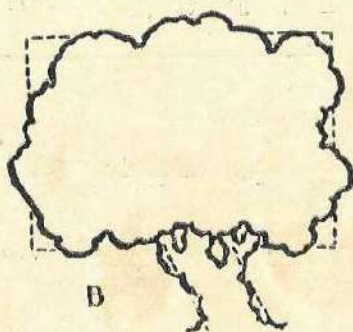
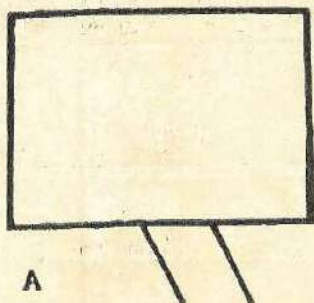
QUEM É QUE SABE?

- 1) Completar : *Nem todo o que me diz : Senhor, Senhor ! entrará no reino dos céus, mas aquele....*
- 2) Que é que aparece uma vez em um ano e nenhuma em um século ?
- 3) Que quer dizer *to-carocha* ?
- 4) Qual é o animal de duas pernas, que se equilibra no rabo como se fôsse uma terceira perna ?
- 5) Qual é o animal que costuma lavar a carne antes de comê-la ?
- 6) Corrigir : Hoje ainda tenho que fazer uma visita.
- 7) Que é que tem braços e não tem mãos ; tem pernas mas não tem pés ; tem costas e não tem cabeça ?
- 8) Depois do sol, qual a estrêla mais próxima da Terra ?
- 9) Qual é o apelido da capital do Maranhão ?
- 10) Com quantos navios partiu Cabral de Lisboa ?
- 11) Com quantos entrou em Pôrto-Seguro ?
- 12) E ainda com quantos chegou a Lisboa, de volta das Indias.
- 13) O amendoim cresce dentro da terra ou fora dela ?
- 14) Por que o azeite não se mistura com a água ?
- 15) Qual o rei que, estando a se banquetear, viu uns dedos de mão de homens escrevendo na parede estucada de seu palácio e muito se perturbou ?

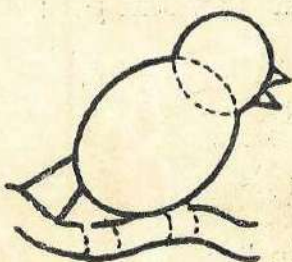
Respostas ás perguntas de junho

- 1) nós perdoamos aos nossos devedores.
- 2) Oliveira.
- 3) Céu da boca.
- 4) Boca da noite.
- 5) D. Pedro II
- 6) Rui Barbosa
- 7) Ao ilustre Visconde de Mauá.
- 8) Palácio das Águias.
- 9) Oliveira, Pereira, Castanheira, Carvalho.
- 10) Faz e não fazem.
- 11) O amor ao dinheiro.
- 12) Ambos pesam a mesma coisa — 1 kg.
- 13) Era proprietário de um moinho a vento.
- 14) Tôda — adjetivo ; toda (tóda) = nome de uma ave.
- 15) No monte Ararat.

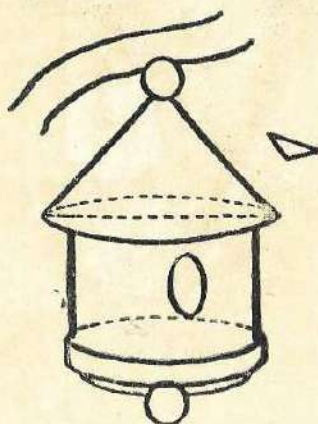
VAMOS DESENHAR



1. Bem vês o que vais agora fazer,
Uma árvore que, aos poucos irá aparecer.
2. Seus ramos folhudos estende com amor,
aos pássaros dando abrigo e calor.
3. Vencendo procelas e vendavais,
a árvore copada enrija-se mais.



4. Viviam ali alguns passarinhos
cantando e alegrando os muitos caminhos.
5. Da aurora cantavam até ao entardecer,
Louvando a Deus p'lo seu bem viver.
6. A vida lhes era tão boa a folgar
Que mais não puderam deixar de engordar.



7. Um dia, um menino com mui bom pensar
À árvore se foi uma casinha amarrar.
8. Os pássaros contentes, curiosos até
Olhando-a diziam: Que linda que é!
9. E sem mais demora p'ra lá se mudaram
E sempre cantando, alegria espalharam.